



JOANA: MULHERES (ENTRE) TEMPOS

Mariene Hundertmarck Perobelli¹

As reflexões deste artigo têm como pré-texto a obra “Do gabinete de Joana” do dramaturgo e cineasta Rubens Rewald, escrita em 1997. Este trabalho estabelece relações entre mulheres de diferentes tempos e espaços presentes na obra. Da personagem principal, Joana, surgem as ligações com outras duas mulheres: Christine de Pisan e Joana D’Arc. O caminho fenomenológico deste artigo desvela questões do universo feminino com o entrelaçamento entre mulheres e tempos: Joana, Christine de Pisan e Joana D’Arc.

Joana é uma mulher contemporânea, que, como tantas outras, se vê perdida em meio ao caos do tempo em que vive. Livros para ler. O telefone não pára de tocar. Compromissos familiares. A tese que precisa ser escrita. Mas a biblioteca perde as microfichas de Christine de Pisan. Falta de dinheiro. Necessidade de dar mais aulas para pagar as contas. Mais aulas significa menos tempo para a pesquisa. Tudo consome muito tempo. Vinte e quatro horas já não são suficientes.

Questões que surgem ao observar a vida de Joana: quantas informações passam por nós no período de vinte e quatro horas? Daquilo que se passa; o que nos passa, nos toca, nos acontece? “Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça.”² O sujeito da experiência de que fala Larrosa, seria um território de passagem, uma superfície sensível, afetada pelo que lhe acontece. Alguém que se define por sua receptividade, abertura, disponibilidade e exposição. Como então, esta mulher contemporânea, que deve buscar sempre mais informação, que deve emitir opiniões a respeito das informações, sobrecarregada de trabalho, correndo contra o tempo, abre espaço em si, para que a experiência lhe aconteça?

Para isso, é preciso apropriar-se da própria vida, como diz Larrosa. Compreender a qualidade existencial do saber da experiência. Isto é, a relação da experiência com a vida singular e concreta de cada ser existente.

Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece.³

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora do curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia – MG. (bellimari@hotmail.com)

² JORGE LARROSA. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Jan/Fev/Mar/Abr. 2002. p.21.

³ Iden 2, p. 27.



Como respondemos ao turbilhão de informações que nos atropelam e ao acúmulo de tarefas que devemos cumprir diariamente? Para que algo nos aconteça, é preciso um gesto de interrupção. É preciso dar-se tempo e espaço. Sim, uma ação quase impossível nos tempos que correm.

Não tenho uma bússola para me guiar. Geralmente estou em meio a um engarrafamento, de carros, de imagens, de palavras. Não é triste, é apenas a forma que as pessoas vivem. Cada um precisa fazer a sua opção. Ou se perder pra sempre em meio a esse engarrafamento. Mais que tudo, preciso me concentrar em Christine. Só ela me interessa. Nada mais.⁴

Joana faz a sua escolha. Foca-se em Christine de Pisan, a personagem de sua tese. Mulher, poeta e historiadora do século XV. Italiana, porém passa a maior parte de sua vida em Paris. Ainda jovem, perde o pai e o marido. A doce vida de Christine desmorona-se. Na Idade Média, uma mulher órfã, viúva, falida e com filhos para criar. É nesse momento que nasce a poeta. “*A sua escrita é melancólica, cheia de dor, mas dura, veemente. Ela não teme expor poeticamente suas idéias sobre a vida, a política, Deus, e sobre as mulheres, acima de tudo.*” Christine relatou seus próprios atos em seus poemas autobiográficos. Mas Joana reflete: nem todos são poetas e muitas vidas se perdem. Ela sugere que deveria existir um historiador para cada vinte habitantes. E cada historiador registraria a vida de seu grupo, incluindo ele próprio. Seriam pequenas histórias montando a grande história. Porém, seremos todos engolidos pelo tempo... E com ele, nossas pequenas histórias... Nesse turbilhão de informações e ações que somos impelidos a viver, o que ficará de nossas pequenas histórias, para montar a grande história?

Mas será o tempo linear? Joana diz que a linha do tempo possui loopings, links, scapes, connections, bifurcations, que nos permitem qualquer tipo de ligação. “*O que me liga a essa figura medieval tão misteriosa e apagada pelo tempo?*” Uma mulher contemporânea ligada à vida de outra mulher, em outro tempo e espaço. Mas o que faz com que essa figura do passado chegue ao presente e se faça presente na vida de Joana?

A obra de Christine, no século XV, que chega até nós: o último poema que ela escreve antes de sua morte. Uma poesia histórica dedicada à outra figura feminina que marcou a história. A donzela: Joana D’Arc. Uma jovem camponesa que se dizia guiada por vozes. “*Somente ela podia ver as vozes, com os olhos do seu corpo.*” Largou os pais, o vilarejo, a vida de camponesa e foi lutar pela França. Tinha dezoito anos, morreu aos dezenove, em 1431. Mas para poder cumprir sua missão de lutar pela França, precisava provar algo ao mundo: a sua virgindade. Só uma mulher intocada poderia ser enviada por Deus e por ele protegida para salvar a França do domínio Inglês.

⁴ Trecho do texto “Do gabinete de Joana” de Rubens Rewald, encontrado em: REWALD, Rubens. *Caos*. São Paulo: Perspectiva, 2005. Faço a escolha de sempre marcar em itálico os trechos retirados do texto, para diferenciar das demais citações.



Um exame minucioso realizado por um grupo de clérigos e beatas concluiu: a donzela era realmente imaculada. *“Uma guerreira virgem... em meio a um mundo de soldados.”* Os franceses, liderados por Joana, são vitoriosos na batalha de Orleans e em outras mais. Então o jovem delfim, o príncipe Carlos, é coroado rei da França. Cumpre-se a missão de Joana D’Arc, a donzela guiada por vozes de santos.

Na dramaturgia de Rubens, Joana, a pesquisadora, ao se deparar com a poesia que Christine escreve sobre Joana D’Arc, estabelece outro link na linha do tempo e mergulha na vida da guerreira. Joana é atravessada pela experiência de sua pesquisa. A pesquisa afeta sua história. A mulher contemporânea torna-se território de passagem. Abre seu corpo à experiência de conexão com outras mulheres em outros tempos e espaços: *“O que mais quero é estar presente, fazer parte da ação. Ser personagem da história, e não sempre a narradora, que comenta, que analisa, que está sempre distante de tudo. Não agüento mais isso. Quero estar dentro.”* Na dramaturgia de Rubens Rewald, Joana, Christine de Pisan e Joana D’Arc encontram-se e se entrelaçam. Mulheres (entre) tempos. O que nos liga, mulheres, independente do tempo e do espaço que nos separam?

Questões de Temporalidade

O tempo atravessa todas as coisas no mundo. A fenomenologia desenvolveu uma teoria do tempo e da experiência temporal. Busco a descrição dos níveis de temporalidade da fenomenologia para auxiliar a percepção da relação entre essas mulheres que observamos na obra de Rewald. Estes são breves apontamentos que nos guiam através do tempo, não pretendo dar conta do conceito de temporalidade fenomenológico, que requer maior profundidade de investigação e descrição.

O primeiro nível de estrutura temporal que a fenomenologia distingue é o **tempo do mundo**. Este é o tempo dos relógios e dos calendários. Também chamado de tempo transcendente ou objetivo. Ele é público e verificável. Podemos marcar no relógio o tempo que dura exatamente um determinado processo e qualquer pessoa pode verificá-lo. O tempo, podendo ser medido, está localizado no mundo e no espaço comum que habitamos.

O segundo nível é o **tempo interno**. Também chamado de tempo imanente ou subjetivo. Este tempo não é público, mas privado. Não pode ser cronometrado, tal como cronometramos uma corrida. Ele pertence à duração e às sequências de atos e experiências mentais. Podemos recordar um evento passado e restabelecer a percepção que dele tivemos. Este é um tempo interno, uma noção de temporalidade que experienciamos “de dentro”. Há sequências nesse tempo interno, uma experiência pode acontecer antes, depois ou concomitante a outras. Mas essas sequências e



durações não podem ser medidas pelo tempo do mundo. Um evento de consciência pode seguir ou preceder o outro, mas não pode ser cronometrado.

O mundo continua sendo e o tempo correndo, mesmo que nós, com nossa subjetividade, cessemos de existir. Porém, o tempo objetivo é dependente do tempo interno. Sim, as coisas do mundo podem ser medidas por relógios e calendários. Mas elas só podem ser experienciadas como duradouras, porque nós experienciamos uma sucessão de atividades mentais em nossa vida subjetiva. É porque antecipamos e recordamos que podemos organizar o processo que ocorre no mundo dentro dos padrões temporais. O tempo objetivo se manifesta porque possuímos o tempo subjetivo. Portanto, o tempo do mundo é correlato do tempo interno. Encontramos a nós mesmos vivendo em ambos os tempos: o tempo objetivo e o tempo subjetivo.

Como todos os objetos, estamos sujeitos aos efeitos causais que operam no mundo. Mas não somos apenas coisas no mundo; somos também dativos de manifestação ou egos transcendentais, e como tais ficamos contra o mundo e o temos apresentando-se para nós, e o fluxo temporal de nossas experiências conscientes é uma condição para o aparecer do mundo e das coisas nele. (...) o fluxo interno de consciência está aninhado dentro do processo que continua no mundo, mas também fica contra o mundo e prevê a estrutura noética que permite o mundo aparecer.⁵

O excesso de ações que Joana deve executar em determinado tempo cronológico só pode ser percebido e calculado porque Joana tem seu tempo interno. Mas ela está sujeita aos efeitos causais do tempo do mundo em que vive. O fluxo interno de consciência de Joana acontece dentro do tempo do mundo e põe-se contra esse tempo do mundo. E é nesta tensão entre os tempos objetivo e subjetivo que o mundo aparece.

Porém, nós não temos apenas o fluir objetivo do tempo e o fluir subjetivo correlato com ele. Temos ainda um terceiro nível temporal: **a consciência do tempo interno**. Esta é a consciência de tal temporalidade interna. Pois o tempo interno sozinho não é suficiente para responder por sua própria consciência-de-si. Esse terceiro nível responde pelo que nós experienciamos no segundo. Ele possui um tipo especial de fluidez. É o domínio no qual o primeiro começo das coisas, como fenômenos, se realiza.

Como identificamos os fatos presentes, passados e futuros? Podemos dizer que a experiência temporal é muito semelhante aos flashes de um filme sendo rodado. Mas isso não é o suficiente. Como damos sentido a nós próprios como permanecendo ao longo do tempo? Como surge o sentido de um fluxo contínuo da existência? Somos mais do que flashes momentâneos. Recordamos de algo. Mas como o sentido do passado começou a surgir para nós? E mais, como saber se os fotogramas antecipados são futuros e não mais apenas do presente?

⁵ SOKOŁOWSKI, Robert. *Introdução à fenomenologia*. Tradução: Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 143 e 144.



Sokolowski cita a frase de William James, ele diz que nossa experiência do presente não é o fio de uma faca, mas um telhado de duas águas. Tudo o que percebemos é dado como sumindo e também como chegando à presença. Podemos perceber que entre o que, no presente vivo, está sumindo e o que vem chegando, existe um espaço de ausência, um (entre). Tudo o que experienciamos, processos do mundo e sentimentos, são atividades efêmeras. O presente vivo inclui um passado (retenção) e um futuro (protenção) imediatos. Se tomarmos o presente vivo como um ponto, este implica pontos vizinhos imediatos (à direita e à esquerda) e esses seus vizinhos imediatos e assim por diante. Qualquer ponto está relacionado aos seus vizinhos mais distantes por mediação de seus vizinhos mais próximos. Cada ponto retém em si o ponto presente vivo antecedente e sucessor. Portanto, quando falamos do tempo, ele não pode ser um ponto simplesmente momentâneo e atômico. Sendo assim, o presente carrega em si o passado e é prenhe do futuro.

Reforço que não pretendo aqui dar conta das questões sobre a temporalidade na fenomenologia. Apenas busco nela respaldo para refletir sobre como Rubens Rewald brinca com o tempo em sua dramaturgia. Joana encontra (talvez nesta ausência que se dá no presente vivo?) uma forma de viajar na linha do tempo, criando conexões, links, bifurcations, acessando os vividos de outra mulher, em outro tempo, que se torna novamente presente vivo. Então retém em si, os vividos do passado de outra Joana: Joana D'Arc.

Quiasma: o ponto de encontro

Qual será o ponto de ligação entre essas mulheres através do tempo? Para buscar compreender este ponto de ligação e entrelaçamento entre os seres, trago o conceito fenomenológico do quiasma.

Mas afinal, o que é o quiasma? Para compreender tal conceito na fenomenologia, precisamos recorrer à Biologia. Quiasma (do grego *kiasma* = através) é o ponto de cruzamento entre os [cromatídeos](#), durante a [divisão celular](#). Essa estrutura forma-se nos cromossomos homólogos quando, na meiose, parte do braço de cada cromossoma se quebra e é recomposta no respectivo homólogo.

A esse fenômeno, que é de extrema importância para a [evolução](#), dá-se o nome de [Permutação Cromossômica](#) ou *Crossing-Over*. Esse fenômeno está associado à ligação dos genes, e proporciona uma recombinação genética ajudando a aumentar a variabilidade genética dentro de uma espécie.



O termo “quiasma” deslocado para a fenomenologia, traz consigo o sentido de troca. Mas não somente troca eu-outro, é também troca entre mim e o mundo, entre o corpo fenomenal e o corpo “objetivo”, entre o que percebe e o que é percebido. Para Merleau-Ponty, no quiasma não há rivalidade eu-outrem, mas co-funcionamento. Funcionamos como um único corpo. Segundo Merleau-Ponty (2007): “Não se pode explicar este duplo ‘quiasma’ pelo simples corte Para si e Em si. Faz-se necessário uma relação com o Ser que esteja estabelecida *do Interior do Ser.*”⁶ (Grifos do autor). Sendo assim, quiasma é o entrelaçamento do Ser com o mundo. Um Ser que vê e é visto, que toca e é tocado, que é sensível e sentiente. “O corpo sentido e o corpo que sente são como o direito e o avesso, ou ainda, como dois segmentos de um único percurso circular que, do alto, vai da esquerda para a direita e, de baixo, da direita para a esquerda, constituindo, todavia, um único movimento de duas fases.”⁷ Há recíproca inserção e entrelaçamento de um no outro – corpo vidente e visível; sentiente e sensível; eu e o mundo.

Ora, se estamos existindo no mundo e com as coisas do mundo e entrelaçados com este mundo, então estamos também entrelaçados aos demais Seres existentes no mundo. Meu corpo sente e provoca sensações; vê e é visto; toca e é tocado, simultaneamente. Eu, o outro e o mundo estamos entrelaçados na existência.

Se tomarmos a existência como o tempo e espaço que percorremos no mundo, sendo neste mundo, do nascimento à morte, podemos compreender o entrelaçamento que se dá entre eu – o outro – o mundo. Afetamos e somos afetados diariamente por inúmeras ações, sensações, pessoas, acontecimentos, imagens, memórias... Porém, como pode, a vida de outras pessoas, que viveram no século XV, afetar-nos ainda hoje?

O que há em comum entre Joana, Christine de Pisa, Joana D’Arc, eu e você? Quais são as questões existenciais destas mulheres que atravessam o tempo e o espaço e permitem o quiasma desvendar-se percorrendo a linha de presentes vivos?

Ser-mulher no passado, no presente, no futuro... Ser e estar no mundo com as questões do mundo. Viver a existência. Questões que entrelaçam as existências femininas atravessando o tempo. O tempo passa por todos nós e nos engolirá, tentará nos apagar. Porém, há questões humanas, ligadas à existência, que o tempo não consegue apagar por completo. Essas questões são nossos elos, nossos pontos de ligação, para além do tempo e do espaço.

⁶ Merleau-Ponty, Maurice. *O visível e o invisível*. Tradução: José Artur Gianotti e Armando Mora d’Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 200.

⁷ Iden 6, p. 134.



Christine de Pisan, que fez de sua tristeza e infortúnio, poesia. Poesia esta que sustentou os filhos e transcorre o tempo se fazendo presente ainda hoje. Em um mundo totalmente masculino, inventou uma nova ética: a igualdade. Morre sozinha em um mosteiro.

Joana D'Arc, uma guerreira guiada por vozes que liderou um exército de homens e deu fim à Guerra dos Cem Anos, libertando a França do domínio inglês. Morre aos dezenove anos, queimada na fogueira, acusada de invocar demônios e espíritos malignos, por vestir-se de homem e por se auto-declarar enviada de Deus.

Entre a poesia e a guerra, Ser-mulher. Entre o passado e o futuro, o presente vivo. Pontos de encontro: delicadeza, força, intuição, garra, sonho, coragem, sofrimento, conquistas, perdas, batalha, vida.

Quase ao fim do texto de Rewald, Joana se exalta:

Sou JOANA D'ARC!
Muito mais do que uma simples camponesa que ajudava os pais e pastoreava ovelhas.
UMA LEOA.
Muito mais do que uma discípula do delfim.
UMA ESTRATEGISTA.
Muito mais do que ouvir vozes.
UMA LOUCA.
Mais do que uma guerreira.
MATADORA.
Mais do que uma virgem.
MULHER.
Mais do que vestir roupas de homem.
ANDRÓGINA SEMI-DEUS.
Mais do que uma jovem acoçada por padrecos.
BRUXA.
Mais do que um corpo queimado em praça pública.
TOCHA HUMANA.
Mais do que uma santa
Muito mais do que uma santa.
DAMA DE PAUS RAINHA DE FOGO!

Joana, Christine de Pisan, Joana D'Arc, eu e você. Singulares e plurais. Cada uma com suas lutas, desejos, sonhos, loucuras... Suas questões existenciais. Fazemos escolhas, abrimos caminhos, vivemos as conseqüências. E ao fim, o mesmo fim: engolidos pelo tempo. Porém, aquilo que realizamos, conquistamos e vivemos permanece para além de nós. Afinal, há uma interligação de tempos, corpos, sensações, percepções que estão no mundo, nas coisas e pessoas do mundo, mesmo que nós não estejamos mais aqui.

Esta é uma breve comunicação sobre questões que me provocam a partir “Do gabinete de Joana”. O texto suscita ainda outros possíveis olhares e questões da vida contemporânea neste jogo entre tempos. Mas escolho hoje escrever sobre o entrelaçamento entre essas mulheres, como o ponto de partida para um processo de criação que está por vir. Hoje, neste ponto do presente vivo,



observo o que vem chegando... levar à cena o entrelaçamento dessas mulheres (entre) tempos. Estas reflexões são parte da investigação deste processo criativo.

Por que esse texto? Por que ser atriz? Para desvelar minha existência, encontrar o quiasma, o ponto de entrelaçamento nas mulheres que escolho interpretar. Busco nelas, a mim mesma. O espelho que me revela: ver e ser vista, sentir e ser sentida, tocar e ser tocada. Viver experiências, ser atravessada por outras mulheres. Perceber aquilo que delas parte e me toca, me passa, me atravessa. Viver e ser experiência no presente vivo. O que permanecerá para além de nós e atravessará outras mulheres nos próximos séculos?

Bibliografia

LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr. 2002. p.20-28

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *O visível e o invisível*. Tradução: José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2007.

REWALD, Rubens. *Caos*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SOKOLOWSKI, Robert. *Introdução à fenomenologia*. Tradução: Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Edições Loyola, 2004.